

## CINEMA, FICÇÃO E REALIDADE:

### QUANDO A FERRUGEM É A CULPA E A CULPA CORRÓI A ALMA

Bruna Caroline Otto dos Reis<sup>1</sup>, Morgana Mayara Costa<sup>2</sup>, Manuela Lampert<sup>3</sup>, Nadine Klein Buske<sup>4</sup>,  
Raquel Engeroff<sup>5</sup>, Rochele Jauana Grings Thomaz<sup>6</sup>

#### RESUMO

O artigo relata a execução de um projeto de extensão, vinculado a disciplina de Psicologia Social, do Curso de Psicologia da IENH. O grupo realizou a exibição do filme “Ferrugem” para alunos do segundo ano do ensino médio noturno de uma escola pública em Novo Hamburgo, com posterior discussão a partir do recurso artístico. As bases do debate com os alunos se deram sob os seguintes temas: impactos das redes sociais, o vazamento da intimidade de uma adolescente, a culpabilização da vítima. Buscou-se, junto com os alunos, refletir sobre as atitudes em relação ao uso das redes sociais e dos espaços digitais. Depois da execução, realizou-se a análise da prática, com o levantamento das principais aprendizagens. Este trabalho proporcionou as acadêmicas a oportunidade de entrar em contato com problemáticas reais e complexas do contexto social.

**Palavras-Chave:** Adolescência. Pornografia de vingança. Cyberbullying. Intervenção.

#### ABSTRACT

The article reports the execution of an extension project, linked to the Social Psychology discipline, of the Psychology Course at IENH. The group held the screening of the film “Ferrugem” for second-year high school students at a public school in Novo Hamburgo, with further discussion based on the artistic resource. As bases of the debate with the students, they gave under the following themes: it affects the social networks, the leakage of the intimacy of a teenager, the blaming of the victim. Together with the students, we sought to reflect on attitudes towards the use of social networks and digital spaces. After the execution, perform an analysis of the practice, with the survey of the main learnings. This work offers academics the opportunity to get in touch with real and complex problems in the social context. **Keywords:** Adolescence. Revenge pornography. Cyberbullying. Intervention.

*Recebido em 15/03/2020, aceito em 27/06/2020.*

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade IENH. brunaotto1409@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade IENH. morgana.costal@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade IENH. manuelalampert@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade IENH. dineklein18@gmail.com

<sup>5</sup> Graduada em Administração de Empresas pela Unisinos, MBA em Gestão de Projetos pela Unisinos e pós em Educação Corporativa e Pedagogia empresarial pela Uninter. Acadêmica de Psicologia pela Faculdade IENH. raquelengeroff@gmail.com

<sup>6</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade IENH. thomazrochele@gmail.com

## INTRODUÇÃO

*A minha consciência tem milhares de vozes, e cada voz traz-me milhares de histórias, e de cada história sou o vilão condenado.*

William Shakespeare

A sociabilidade contemporânea foi radicalmente transformada a partir da virtualização das relações. As relações sociais, realizadas a partir da interlocução de redes e ciberespaço, definem uma cultura peculiar, a cibercultura. De acordo com Lévy (2010 apud FLACH E DESLANDES, 2017) a cibercultura seria o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A internet revolucionou as maneiras de o ser humano se comunicar. Essa inovadora tecnologia da informação, cujo diferencial é a extrema rapidez e a vasta amplitude de suas operações, permite ao homem externar seus pensamentos, suas opiniões, suas escolhas, externar a si próprio das mais variadas formas e a um largo espectro de outros homens que, como ele, também se projetam no ciberespaço (SILVA et al, 2011, p.455).

O mundo virtual serve como mecanismo privilegiado de projeção do ser humano, tal qual um espelho, porém, através das redes sociais, o homem também comete ilícitos, propaga mensagens de conteúdo prejudicial e viola direitos fundamentais dos demais usuários (SILVA et al, 2011).

A cultura digital convida seus participantes a (hiper) exposição de identidades e espetacularização das intimidades, com consequências inerentes a imagem pessoal e a privacidade. Nesse contexto, no dia a dia, os sujeitos acabam naturalizando a prática de postar para uma multidão de espectadores todo o tipo de informação como, amores correspondidos ou não, relações afetivo-sexuais iniciadas ou desfeitas, fotos e vídeos íntimos (FLASH e DESLANDES, 2017).

Na sociedade contemporânea ocidental temos o individualismo como característica marcante que se sustenta pela lógica capitalista de vincular as relações humanas como produtos, com selos de troca e obsolescência, assim os relacionamentos também não fogem muito dessas concepções de mercadoria.

De acordo com Schmitt e Imbelloni:

um dos meios de relacionamento encontrado nessa sociedade são os relacionamentos on-line que favorecem vários meios de experimentação de relacionamentos, tendo em vista que os parceiros não são percebidos por aquilo que são, mas sim pelo que aparentam ser, havendo assim um controle da situação, fato este ser um marco dessa sociedade, o controle, a possibilidade e o intenso interesse de controlar tudo. (p.3, 2011)

Todavia se as relações da modernidade são líquidas, frágeis e voláteis, temos Bauman para reafirmar que os relacionamentos e as pessoas envolvidas nelas acabam por se tornar incertas, inseguras e demarcadas por uma forte cultura da imagem, objetivando e banalizando as emoções e ações.

Assim, o presente trabalho tem a intenção de relatar a execução da exibição do filme “Ferrugem” para alunos do segundo ano do ensino médio noturno de uma escola pública em Novo Hamburgo, bem como a discussão com os mesmos sobre os temas abordados, pensando a partir do recurso artístico os impactos das redes sociais, o vazamento da intimidade de uma adolescente, a culpabilização da vítima mulher e a culpa sentida pelo adolescente que divulga a intimidade da mesma. Provocamos os mesmos a refletir sobre suas atitudes em relação ao uso das redes sociais e dos espaços digitais.

## **JUSTIFICATIVA**

Mais que um trabalho acadêmico, percebemos essa proposta como uma oportunidade de realizarmos um trabalho prático, que nos proporcionasse entrar em contato com questões reais e complexas do contexto social.

Ao escolher o documentário/filme nos preocupamos essencialmente com o público alvo que estaria assistindo. São jovens do ensino médio noturno, de uma escola pública, de um bairro menos favorecido economicamente e socialmente. Buscamos um

documentário/filme que trouxesse um assunto que fosse atual e interessante para o público em questão. Além disso não queríamos, de forma alguma, estereotipar o público alvo, trazendo algo que pudesse ser interpretado como uma leitura de perfil, nem pensar por um viés assistencialista.

Encontramos diversos documentários interessantes no Videocamp e buscamos também utilizar como filtro algo que fosse mais local, que trouxesse aproximação e reconhecimento do nosso público. Não queríamos que o documentário se passasse em outro país, ou falasse de outra cultura que fosse muito diferente da nossa. Gostaríamos que fizesse sentido para os jovens, algo no qual eles pudessem se ver e se identificar, possibilitando um aprofundamento da discussão.

Ao selecionarmos alguns filmes para assistir e avaliar, surgiram várias dúvidas sobre qual a temática deveríamos abordar. Depois de várias conversas em grupo, decidimos trabalhar com uma obra mais atual, produzida em 2018, que aborda o cyberbullying, mas mais precisamente a pornografia de vingança e nudes. A obra escolhida se adequou também ao requisito de proximidade com o contexto local, já que o filme selecionado é do cinema curitibano e traz referências culturais locais do sul, como o chimarrão e gírias gaúchas.

O tema de exposição nas redes sociais, cyberbullying e pornografia de vingança vem de encontro com a realidade da juventude e da sociedade na qual estamos inseridos. É como se vivêssemos em dois mundos diferentes, o virtual e o real. Como se os atos realizados em um desses mundos não causasse impacto abrangente e automático no outro. Além disso, oportunizamos aos jovens que dialogassem sobre tudo isso, podendo demonstrar como se sentem frente a essa realidade.

Alguns qualificam o espaço cibernético como um novo mundo, um mundo virtual, mas não podemos nos equivocar. Não há dois mundos diferentes, um real e outro virtual, mas apenas um, no qual se devem aplicar e respeitar os mesmos valores de liberdade e dignidade. (CHIRAC, 2011, apud. SANTOS, RAMOS E ALVES, 2018, p.1).

O filme também nos fez refletir sobre os impactos da cultura digital no processo de subjetivação do ser humano, nos rememorando o conceito de toxicomania de identidade, do texto ‘Uma insólita viagem à subjetividade’ de Suely Rolnik (1997). A toxicomania de

identidade, descrita pela autora, é a característica daquele que tem um vício de identidade, que tem medo de colocá-la em risco. O viciado ou o que possui toxicomania de identidade, também recebe algumas doses de Identidade Prêt-à-porter. Trata-se de uma droga disponível em profusão no mercado da mídia. São as miragens de personagens globalizados, vencedores e invencíveis, envoltos por uma aura de incansável glamour, que habitam as ondas sonoras e visuais da mídia, personagens que parecem pairar acima das turbulências do vivo e da finitude de suas figuras. A cultura digital e a hiper exposição nas redes sociais estimula muitas pessoas a seguirem determinados modos de pensar, agir, sonhar e amar, se prendendo a alguns padrões e não sendo elas mesmas. Ideias sobre o que é parte do privado e o que é parte do público parecem ser mescladas. Tudo se resume a um compartilhamento, um like ou uma curtida. O mundo digital faz com que as pessoas tenham uma ilusão sobre a vida de outras e também sobre elas mesmas.

## **OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho é executar e apresentar os resultados da exibição de um documentário/filme, através de uma atividade cultural de cinema. O objetivo geral da exibição foi pensarmos, dialogarmos e construirmos uma reflexão em conjunto com o público alvo.

O filme escolhido pelas acadêmicas foi o “Ferrugem”, drama produzido em 2018 pelo diretor Ali Muritiba. O enredo conta a história de Tati, uma adolescente cheia de vida, que gosta de compartilhar seus melhores momentos nas redes sociais. Porém, a vida de Tati vira ao avesso quando algo que ela não queria compartilhar com ninguém cai no grupo de Whatsapp do colégio. Não conseguindo lidar com a exposição nas redes sociais e com o julgamento e culpabilização da sociedade, ela comete suicídio. Depois disso, acompanhamos um pouco da vida do menino responsável pela divulgação do vídeo e sua dificuldade de lidar com o sentimento de culpa pelo ato realizado.

Consideramos importante trabalhar, a partir do enredo do filme, algumas temáticas bem atuais como a exposição nas redes sociais e a culpabilização da vítima, tão bem representadas pelo filme.

## **METODOLOGIA**

Imersos ao projeto de extensão, vinculado à disciplina de Psicologia Social, do Curso de Psicologia da IENH, realizamos no dia 08 de outubro de 2019, na escola Instituto Seno Frederico Ludwig (CIEP), localizada no bairro Canudos em Novo Hamburgo, a exibição do filme *Ferrugem*. A exibição foi realizada a partir das 19 horas 30 minutos até às 22 horas, para alunos do segundo ano do ensino médio noturno. Contamos com um público aproximado de 50 pessoas entre alunos, professores e acadêmicos da disciplina de Psicologia Social da Faculdade IENH.

Iniciamos nosso momento fazendo uma breve apresentação das alunas responsáveis pela proposta da noite e explicando como seriam conduzidas as atividades. Também tivemos uma breve fala do diretor da escola, Silon Ferreira, e da coordenadora do curso de Psicologia da IENH, Analice Brusius. Dando continuidade, realizamos a exibição do filme *Ferrugem* que teria duração original de 1 hora e 40 minutos. Em função do pouco tempo de discussão que teríamos caso exibíssemos o filme por completo, decidimos realizar pequenos cortes com o objetivo de otimizar o tempo de reflexão e discussão. Respeitamos os horários da escola, fazendo um intervalo de 15 minutos para que os alunos realizarem seu recreio, por volta das 21 horas.

Após o intervalo e o fim da exibição do filme, realizamos a problematização do assunto, através de uma conversa/debate, no qual abordamos três tópicos/eixos, sendo eles: exposição nas redes sociais e seus impactos, culpabilização da vítima e a culpa. Tivemos em torno de 40 minutos de reflexão/debate com o público.

Para iniciarmos essa problematização, contamos com três acadêmicas do grupo, que conduziram a discussão das temáticas abordadas no filme juntamente com um convidado, o professor Marcelo Vier. O mesmo é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997), com Especialização em ‘A Filosofia e seu Ensino’ pela Unisinos (2005). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia e em Sociologia. Atua como professor na Universidade Caxias do Sul - UCS e na Instituição Evangélica de Novo Hamburgo - IENH.

## **EMBASAMENTO TEÓRICO E DISCUSSÃO DA SESSÃO**

Nos próximos subcapítulos serão descritos os três eixos que deram a base para discussão do filme *Ferrugem*. O quarto subcapítulo apresenta as questões práticas e vivenciais da sessão, diretamente ligadas ao público alvo do projeto de extensão e as reflexões trazidas pelo convidado Marcelo Vier.

## **EXPOSIÇÃO NAS REDES SOCIAIS E SEUS IMPACTOS**

O filme *Ferrugem* nos apresenta um pouco do contexto atual vivido pela maioria dos adolescentes. Tati, a personagem principal da trama, como muitos adolescentes, tem o hábito de registrar e postar muitos momentos de sua vida nas redes sociais. Porém, sua vida se transforma quando ela tem um vídeo íntimo vazado na internet.

Infelizmente, casos como estes são mais comuns do que imaginamos. A pesquisa “Violência contra a mulher: o jovem ligado” realizada pelo Instituto Avon e Data popular em 2014 revelou que:

- 59% dos homens já receberam fotos/vídeos de mulheres nuas desconhecidas;
- 41% dos homens já receberam fotos/vídeos de mulheres nuas conhecidas;
- 28% repassaram essas imagens.

De acordo com Flach e Deslandes (2017), estudos recentes indicam que entre 20% e 50% dos adolescentes norte americanos já experimentaram uma situação de violência durante as relações íntimas. Isso envolve desde ameaças e insultos nas mídias sociais digitais, até mesmo disseminação de vídeos, fotos e mensagens íntimas sem consentimento prévio, com o intuito de humilhar a pessoa.

Existem diversas nomenclaturas que têm sido usadas para tratar dessa temática: cyberbullying, pornografia de vingança, abuso digital, entre outros. O cyberbullying é uma forma de bullying que está circunscrita às relações entre pares e também se constitui um fenômeno recente. Cyberbullying é uma violência praticada contra alguém na internet, expondo, difamando e atacando covardemente alguém. Termo que surgiu com a nova era digital e que se torna cada vez mais comum entre adolescentes. Pornografia de Vingança é

um termo usado para remeter o ato de expor publicamente na internet fotos e/ou vídeos íntimos de terceiros sem o consentimento do mesmo. Usado muitas vezes para descrever eventos onde ex-parceiros divulgam a intimidade da vítima (maioritariamente mulheres) na internet e demais redes sociais. Abuso digital é outro termo que vem sendo utilizado para remeter a violências praticadas com o uso das mídias digitais como meio de veiculação em relacionamentos afetivos-sexuais.

A forma como os conteúdos relativos ao abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais são disseminados pela internet torna muito difícil identificar sua autoria, responsabilizar seus autores, assim como impedir que o material continue sendo reproduzido em outros meios digitais.

Em um estudo realizado por Borrajo et al. (2015 apud FLACH e DESLANDES, 2017), verifica-se que mais de 50% dos casos relatados de abuso digital ocorridos em relacionamentos afetivos-sexuais foram praticados via aplicativos de mensagens, como WhatsApp, 40% via rede de relacionamento social, como Facebook, e cerca de 7% via e-mail. Tal distribuição revela a predileção dos jovens por determinadas mídias sociais.

A agressão pode ter como intenção causar danos ao parceiro, seja com ameaças, disseminação de informações privadas, roubo de identidade realizada por criação de perfil falso e/ou o controle/monitoramento do parceiro, como por exemplo usar a senha pessoal do parceiro sem seu consentimento para vigiá-lo, verificar e-mails, mensagens, contatos, redes sociais ou até mesmo sua localização, via GPS.

O abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais é muitas vezes naturalizado e confundido com “prova de amor” e cuidado, em que comportamentos abusivos de controle e intimidação são justificados por meio de uma visão romantizada do amor ou podem ser justificados como “apenas uma brincadeira”.

De acordo com o artigo de revisão bibliográfica de Flach e Deslandes (2017), estudos mostram haver alta prevalência da prática de abuso digital tanto para homens quanto para mulheres, mas com características diferenciadas de gênero. As mulheres praticam especialmente a categoria “controle/monitoramento” e os homens costumam praticar mais a categoria “agressão direta”, compartilhando imagens e mensagens de parceiras após o término de namoro, praticando mais a pornografia de vingança. Outro aspecto que parece



atingir de forma diferenciada moças e rapazes é a intensidade que as meninas experienciam as consequências emocionais do abuso digital sofrido.

As consequências de exposições nas redes sociais podem ser devastadoras. No caso Ferrugem, a adolescente Tati, sofrendo preconceito dos colegas da escola, sendo abandonada por suas amigas e temendo a descoberta do acontecido pelos seus pais, comete suicídio.

De acordo com Flach e Deslandes (2017), no que se refere às consequências para a saúde mental dos adolescentes vitimados, indica-se a presença de altos níveis de estresse pós-traumático, uso de substâncias psicoativas, ansiedade, agressividade/hostilidade, distúrbios do sono, sintomas depressivos, violência autoinfligida, ideações e tentativas de suicídio. Outros possíveis desfechos são o baixo rendimento escolar e comportamentos delinquentes.

Dick et al (2014) verificaram que as moças participantes com exposição recente ao abuso digital em seus relacionamentos, tinham de 2 a 3 vezes mais chances de não usarem nenhuma forma de contracepção, de 3 a 6 vezes mais chances de experimentar alguma forma de coerção reprodutiva e/ou “comportamentos sexuais de risco” se comparadas com aquelas que não haviam sofrido nenhuma exposição ou abuso digital, indicando sinergia entre as dinâmicas de violência nas relações digitais e nas relações presenciais (apud FLACH E DESLANDES, 2017).

Como calcular o impacto e a dimensão de algo na internet? Ferrugem traz a seguinte questão “consequências também são compartilhadas”. Compartilhar fotos e vídeos íntimos de alguém na internet sem consentimento é crime, e deve ser levado a sério. Estamos falando de expor alguém, que você conhece ou não, a uma rede sem fim de memes, piadas, insultos, uma exposição real e psicológica. E muitas vezes no mundo da internet e das redes sociais não paramos para refletir sobre quem fez determinada postagem, qual a intenção do que está ali e que impacto tem meu comentário. No nosso debate com os jovens, levamos os mesmos a refletirem sobre isso.

## CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Podemos levar em conta que na atualidade temos uma grande facilidade quando o assunto é a troca de informação e comunicação com outras pessoas, que pode ocorrer através de chamadas, fotos e vídeos. Mas por outro lado, “essa grande troca de informações traz consigo vários riscos, como por exemplo, fotos e vídeos ‘vazados’, ou seja, veiculados sem autorização da pessoa em rede sociais.” (Santos, Ramos e Alves, 2018, p.3) É o que aconteceu com a personagem Tati que compartilhava sua vida nas redes sociais. A perda de seu celular acarretou graves consequências, a qual a tornou vítima de exposição de registros íntimos (pornografia de vingança).

Segundo os valores e regras que são impostos pela sociedade diz Foucault apud Carvalho e Arraes (2017):

Existe uma grande relação de poder sobre o homem através de um contrato fictício que o conduz a ser homem íntegro de acordo com as crenças e hábitos sociais e, a quebra desse contrato, ou seja, o homem agindo contra as regras sociais, seria o que leva esse à depressão, e consequentemente, ao suicídio.

Ao escolher o filme, o grupo discutiu a ideia de que os casos mais frequentes de exposição são do sexo feminino, considerando assim como uma violência de gênero.

(...) as mulheres são mais atingidas pelo constrangimento psicológico devido a sua natural fragilidade e por conta de um forte sistema machista patriarcal. Por ser uma violência não física, há muitas dificuldades de serem penalizadas. Já os homens que foram vítimas de pornografia de vingança, ao contrário das mulheres, não sofrem tantas humilhações, pelo contrário, passam a ter sua virilidade exaltada. (ARAUJO, LATORRE E BARBOM, 2015, apud. SANTOS, RAMOS E ALVES, 2018, p.2).

Hoje existe a Lei nº 12.737/2012 conhecida como “Lei Carolina Dieckmann”, lei criada pelo Congresso Nacional, a partir do caso da atriz Carolina Dieckmann, que teve suas fotos íntimas vazadas na internet. O crime de pornografia de vingança pode ser enquadrado também nas leis: Crimes contra a honra (Código Penal art. 138, 139 e 140), Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), Estatuto da Criança e do adolescente (Lei nº 8.069) e no

Marco Civil da internet (Lei nº12.965). Divulgar qualquer tipo de imagem de uma pessoa sem consentimento é crime, com 5 a 8 anos de pena. Deve-se fazer o registro de ocorrência, nem que seja on-line.

Buscamos debater com os jovens essa crença cultural de culpabilizar a vítima, buscando fazê-los pensar na responsabilidade de quem compartilha. Procuramos não nos limitar ao discurso social disseminado de que a culpa por ter sido exposta é da vítima, porque ela não deveria ter gravado determinado vídeo ou ter tirado determinada foto. Isso não diz nada sobre o compartilhamento indevido da intimidade de uma pessoa. Tentamos refletir com eles sobre nossa responsabilidade sobre o que está sendo compartilhado.

Por mais que saibamos que sexo é algo natural, realizado por duas (ou mais) pessoas, o assunto é exponenciado e tratado como depravação quando exposto publicamente. Sexo é visto como tabu, é julgado como impróprio pela sociedade, que não deve ser comentado, que deve ser escondido da esfera pública.

É possível perceber o quanto a desigualdade entre os gêneros é algo enraizado: enquanto Tati sofre devido à exposição do vídeo, com toda escola a ridicularizando e a chamando pejorativamente de uma série de nomeações, seu ex-namorado também protagonista do vídeo, diz a ela que está sofrendo porque seus amigos o estão chamando de “pau pequeno”, sendo enaltecido pelo social como o “pegador”. Logo em seguida, o personagem tenta beijar Tati à força, justificando que pensava que era isso que a menina desejava, forçando um reatamento do antigo namoro por causa do vídeo. E quando a mesma recusa vemos um acesso de raiva e uma nova culpabilização da vítima agora partindo do ex-namorado.

O corpo e a exposição da mulher é visto por um viés diferente se comparado ao homem. O homem tem a exposição do seu corpo tratada com mais normalidade, e até mesmo como masculinidade. Já exposição do corpo da mulher é interpretada geralmente de forma vulgar e sexualizada. Sendo o gênero feminino mais exposto nesses vídeos e fotos de vazamento de nudes íntimas.

Enquanto foco da câmera normalmente está apenas no órgão sexual masculino, a mulher tem uma exposição de seu corpo inteiro, incluindo seu rosto, que aparece costumeiramente mais nessas imagens/vídeos, tendo assim sua identidade exposta e sua vida intensamente mais afetada.

Também devemos considerar que existe ainda uma ideia de feminilidade da mulher, ligando-se de tal modo à ideia de um ser dócil, sensível, puro e santo. Ainda percebe-se o discurso machista de “ter mulheres para casar e mulheres para se divertir/transar” como se as duas faces não estivessem inteiramente ligadas e não individualizadas em mulheres diferentes.

Tati comete o suicídio no ambiente da escola, olhando para a câmera da escola. Perguntamos a nós mesmos o que isso significa. Refletimos que a personagem olha para a câmera da escola muito pela falta de auxílio que ela teve desse lugar, pelo momento simbólico de dizer: “Vocês (escola, amigos, colegas e pessoas em geral que compartilharam o vídeo) me mataram. Agora me vejam morrer.”

A escola em geral não parece se importar com Tati porque ao que nos indica o filme, o posicionamento da escola frente ao vazamento do vídeo é realizar uma reunião com os pais dos alunos, o que não pareceu resolver o problema, ao contrário, trabalha-o tarde demais e com o público errado. Os alunos é que deveriam ser o público alvo dessa intervenção e principalmente a proteção de Tati que estava vulnerável e era a vítima da situação.

Mas, ao contrário, percebemos uma escola omissa, em que o professor dela não age de forma profissional. Ele detecta o problema mas protege os seus ao se manter calado. Temos também um segurança (que teve a oportunidade de ter evitado o ato de violência de Tati) que ao reconhecê-la, claramente por ter visto seu vídeo, se manifesta de forma ridícula ao sorrir maliciosamente para ela, não revistando sua mochila. Ali ele não percebe as olheiras de Tati, sua tristeza e até mesmo sua raiva, que parecem brotar de seus olhos cheios de dor.

Assim, sem uma rede de apoio, Tati não se vê segura para procurar ajuda na escola e nem em casa, com sua família. Suas amigas que no início a apoiam, vão sumindo, também suprimidas pela cultura machista e por receio de sofrerem o mesmo julgamento. O isolamento de Tati vai crescendo e a deixando mais vulnerável. Aqui temos de pensar que isolar-se nunca é a solução. A abertura, a troca de ideias com um adulto confiável é a melhor ajuda a se buscar.

No debate, propusemos aos alunos que não se sentem seguros, como no caso de Tati, de conversar com seus pais, procurar alguém mais acessível como uma tia, um dindo, uma

prima mais velha, uma professora que gostassem da escola, etc. “Mesmo que possam achar que é vergonhoso contar determinada coisa aos seus pais, porque acreditam que eles não vão suportar ou que será terrível, devem pensar que nada será pior para eles do que não os terem presente, perdendo-os”.

Sugerimos também a procura por ajuda de um profissional psicólogo que vai pensar junto com eles o problema e soluções para ele. Sugerimos ainda o canal do CVV (Centro de Valorização da Vida) que pode escutá-los sem qualquer cobrança e a qualquer hora, através da ligação ao 188. O mais importante é perceber que não estão sozinhos e procurar uma rede de apoio.

## A CULPA

A lentidão do filme *Ferrugem* é o reflexo direto da culpa. O peso de carregar um fardo sofrido recai nos ombros de Renet, o jovem responsável pelo vazamento do vídeo. “Essa lentidão, sendo o espelho da culpabilidade, é fundamental para que cada desdobramento sofrido seja sentido” (FÉLIX, 2018).

A culpa corrói Renet, mas não só ele se sente culpado e fica com medo da polícia. Seu primo quebra o celular com medo de ser descoberto. Ainda é comentado que um outro colega deles, por medo, coloca o próprio celular no microondas com o objetivo de danificá-lo. Porém, diferente dos amigos, Renet é o único que aparece refletindo sobre a sua culpa, é o único que se deixa aprofundar nela e na dor que ela traz.

Segundo Yontef a culpa é:

um sentimento de remorso e de arrependimento por ter causado danos aos outros e exige um sentido de valores pessoais integrados mais maduros e empatia para com os outros (1998, apud. BALBINOT, 2003, p.9).

Assim escreve Félix (2018) em sua crítica e análise do filme *Ferrugem* que “é interessante perceber que cada discurso moral – por mais que tenham protagonistas femininas (Tati e a mãe de Renet) – passa pela imaturidade de homens”. Davi, o pai de Renet e professor de Tati, rouba o caderno de sua falecida aluna para proteger seu filho. Ele demonstra uma impulsividade alheia a qualquer moralidade. É como se Davi (o pai de

Renet) se materializasse em um demônio da adolescência eterna, incapaz de dominar uma turma, de mostrar ao filho o que é ser adulto e é incapaz de ter paz com sua ex-mulher, que está pronta e determinada a ter uma nova vida através de sua gravidez.

Notamos que quando os pais de Renet estão no carro procurando por ele, é visualmente explorado pelo embaçamento do pára brisa do carro a confusão em que eles estão sofrendo. É apenas quando o pai conta a verdade para a mãe que o vidro se limpa e a chuva para. Quando o pai de Renet mostra o caderno de Tati a Raquel (a mãe) ela se choca e percebemos claramente os dois posicionamentos diferentes. O pai diz “não se preocupe, ninguém me viu pegando”, ela responde “tem noção da irresponsabilidade que você fez?!”. Enquanto ele pensa estar protegendo seu filho, escondendo e roubando provas de um crime, ela se indigna, relata que aquilo não é correto e desce do carro. Aqui notamos a dualidade que se passa na cabeça de Renet, assumir o seu erro ou fingir que não fez nada.

Por fim Renet decide não só prestar seu depoimento, mas também contar a verdade à mãe de Tati, pedindo desculpas. A dor de Renet não acaba ali, muito menos sua culpa diminui, mas ela passa a fazer parte de um lugar. Ela para de crescer quando ele assume as consequências de seus atos, ou melhor exemplificando, de seu compartilhamento.

Ferrugem é um filme de uma atualidade aterrorizante, que corrói o que pensamos ser enquanto não amadurecemos, assim como a maresia corrói o ferro. É por isso que praticamente toda a segunda parte se dá em uma casa à beira-mar: é o tempo em que Renet, enfim, cria coragem e, conscientemente, resolve pender para o lado da moral, como se aquela maresia estivesse corroendo a sua culpa, a sua imaturidade – algo que talvez seja tarde demais para seu pai (FÉLIX, 2018).

## PERCEPÇÕES DA EXIBIÇÃO

O grupo chegou à escola Seno Frederico Ludwig (Ciep) aproximadamente às 19 horas. Enquanto éramos recebidas pelo vice-diretor Roberto e aguardávamos a abertura da sala que utilizamos para a intervenção, que estava estipulada para às 19 horas 30 minutos, observamos o ambiente, os cartazes, a organização e também conversamos sobre algumas questões da exibição. Então, junto ao vice-diretor, nos dirigimos até a sala onde aconteceria a sessão. Chegando lá, nos deparamos com uma decoração na parede principal, que possuía

cata-ventos e uma palavra feita em e.v.a. brilhoso, nas cores amarelo e verde: “provocar”. Aquela palavra foi uma surpresa muito positiva, pois estávamos lá justamente com este propósito. Desta maneira, nos sentimos acolhidas.

Na sala, organizamos as cadeiras que estavam desordenadas, tentando deixar o ambiente mais acolhedor. Ajustamos o som e deixamos os equipamentos prontos para darmos o “play”. Organizamos uma classe com copos e água para as participantes do debate e para o professor convidado. Juntas, pensamos em diversos detalhes, discutimos alguns manejos, separamos o material necessário (blocos para anotações, canetas, “mimos” para o final, controle do ar condicionado), bebemos água, fomos ao banheiro, nos preparamos de forma física e psicológica para o momento seguinte. Antes da chegada dos alunos, o diretor da escola Silon, veio conversar conosco e nos passar algumas informações sobre a turma. Disse que seriam alunos do segundo ano do ensino médio, que nos últimos sete anos era a pior turma que ele tinha na escola, que os alunos entravam e saíam da mesma forma. Neste momento sentimos uma grande aflição tomando conta de nós, pois como seria trabalhar com um grupo com esse perfil que nos havia sido passado?

Os alunos foram chegando e se sentando na frente, como o grupo todo achava que seria melhor, mas ficamos surpresas, pois ninguém havia solicitado isso, foi iniciativa deles. Junto com a chegada deles, também veio o frio na barriga. Como será que eles reagiriam? Será que iríamos conseguir fazer tudo como planejado? Será que eles iriam prestar atenção no filme? Ficariam até o final? Iriam participar do debate?

Já era o horário para dar início à sessão, mas a maioria dos nossos colegas do curso de Psicologia e a Coordenadora Analice Brusius estavam atrasados. Enquanto os nossos colegas não chegavam, o diretor da escola, Silon Ferreira, fez uma breve fala, deixou a turma no aguardo e se retirou para tratar outras demandas da escola. Então, uma de nós explicou a eles que estávamos esperando por nossa coordenadora, pedimos para os alunos que aguardassem alguns minutos, e assim que ela chegasse poderíamos iniciar. Foi aí que começamos a nos surpreender com o comportamento dos jovens. Eles permaneceram sentados e conversando em tom baixo, o que nos tranquilizou e fez com que repensássemos a imagem de “pior turma dos últimos anos” que havia sido repassada pelo diretor. Durante os (demorados) minutos de espera, pudemos observar que enquanto usavam os seus smartphones, um dos assuntos principais entre eles era a janta que seria servida no

intervalo: “Alguém sabe o que vai ter de janta hoje?”. Quando a Prof. Analice chegou, se apresentou brevemente e, logo em seguida, também nos apresentamos como estudantes de Psicologia e dissemos nossos nomes, falamos sobre o filme iniciando a exibição.

Durante a exibição, os alunos mantiveram o respeito por aquele momento, mantendo o silêncio e permanecendo sentados. Enquanto nós, integrantes do grupo organizador assistimos o filme, também de forma discreta e respeitosa, observamos as reações dos alunos que assistiam o mesmo. Foi possível ouvir alguns comentários (alguns em voz bem baixinha, outros altos) de identificação com as cenas, como por exemplo, quando a personagem Tati menciona que perdeu o celular, uma menina disse: “MEU DEUS!”. Também, por diversas vezes, faziam comentários sobre as expressões do personagem Renet: “Olha a cara dele!” E riam fraco em seguida. Enquanto isso, na tela onde o filme era exibido, ficou aparecendo uma barra de ferramentas do programa usado. Tentamos por diversas vezes tirá-la mas não foi possível. Os comentários dos alunos continuavam: “Até ele!”, quando o ex-namorado de Tati debocha dela. Enquanto o personagem Renet tomava banho, o pai dele entrou no banheiro e um adolescente falou: “O pai vendo ele pelado” em tom de risos. Próximo a hora do intervalo, pode-se notar que eles estavam muito ansiosos por aquele momento: “Vamos ser os últimos a chegar”, diziam se referindo a janta que seria servida. Inquietos, também contavam moedas e se organizavam para sair, esperando o sinal tocar.

O filme finalizou as 21 horas 03 minutos. Ao bater para o intervalo, às 21 horas, os alunos foram se levantando e saindo, sendo que o filme ficou rodando até o final. O grupo ficou mais tranquilo, pois percebeu que os alunos deixaram seus pertencem nos devidos acentos, sinalizando que iriam voltar. Na hora que deu o sinal para retornarem, alguns voltaram bem pontuais. Não achamos necessário passar os três minutos por que repetiam a mesma cena final, Renet no carro com a mãe indo à delegacia. Enquanto aguardávamos o retorno de todos, um casal de alunos que estava sentado na segunda fileira, que percebeu a nossa preocupação com o horário nos perguntou: por que iríamos finalizar às 22 horas? Pois segundo eles, teríamos pouco tempo para conversarmos. Levantaram a questão de que o grupo poderia sim se estender até às 22 horas 30 minutos, informando-nos que esse é o horário que a turma normalmente saía. Nesse momento, o casal de alunos nos comunicou que eles estavam interessados e empolgados com o debate e a temática.



Quando os alunos voltaram, iniciamos a segunda parte, o debate, o grupo se dividiu em: três acadêmicas sentadas na roda de debate juntamente com o convidado, duas na parte de monitoramento da sessão observando o processo e uma na parte de registros fotográficos e escritos. Iniciamos fazendo a apresentação do convidado Marcelo Vier. Em seguida, introduzimos um espaço para os estudantes falarem o que acharam do filme, trazendo questões para provocar, indagar eles a uma reflexão sobre o que haviam assistido, neste momento os alunos se mostraram um pouco retraídos.



Figura 1- Momento do debate



Figura 2- Equipe organizadora

O debate se deu através de conversas entre acadêmicas, o convidado e os alunos, onde todos poderiam intervir a qualquer momento para trazer informações que contribuíssem para a discussão. O professor Marcelo Vier inicialmente fez uma explicação falando sobre a origem do nome do filme, discorrendo que a ferrugem vem da corrosão exemplificando que quando um metal vai se desfazendo enquanto vai sendo corrompido, relacionando com as relações das pessoas do filme, como algo que vai corroendo e vai sendo consumido.

O convidado conduziu essa explicação através de uma indagação “quem vocês consideram que sejam amigos de vocês de verdade? São relações muitas vezes difíceis, né? Se eu perguntar quantos amigos de verdade vocês têm, vocês acham que enchem uma mão?”. Abordando também uma crítica às redes sociais “antigamente era muito difícil fazer um amigo. Hoje com o facebook é só apertar um botão. Posso apertar um botão para fazer

um amigo e apertar para desfazer uma amizade porque é muito conveniente, é muito mais fácil”.

O professor Marcelo elucida com um exemplo que um aluno de Zygmunt Bauman que em um único dia fez 500 amigos, e o professor logo se deu conta do que esse jovem estava dizendo, pois com aos seus 80 anos de vida nunca tinha feito tantas amizades com “cliks”.

Ao conversarmos sobre a diferença entre gêneros e a culpabilização da vítima no filme, um aluno mencionou que “ela foi quem sofreu mais impacto, porque ela foi mais zuada que ele”. A partir disso, o convidado Marcelo Vier traz essa questão do estigma sobre as mulheres.

Se a gente voltasse há um tempo atrás (não é correto o que vou dizer, mas simples de entender), as pessoas pensavam assim, na questão do sexo: A mulher era aquela que sempre carregava a vergonha, por que era só ela que podia engravidar, por exemplo. Então quem sempre aparecia para a sociedade era a mulher. A questão é, há quantos anos a gente tem métodos e formas de realizar o sexo de uma forma mais segura, principalmente nessa questão da gravidez, mas mesmo assim continua pesando sobre a mulher? Vejamos que isso não é uma coisa simples de você lidar e enfrentar. Existe há 60 anos o anticoncepcional e ajudou muito, mas mesmo assim a vergonha quem ainda carrega, muitas vezes sozinha, é a mulher.

Nessa mesma temática do preconceito da figura feminina, Vier cita o livro, “Lugar de fala”, da filósofa Djamila Ribeiro, uma mulher brasileira e negra, que diz: “eu sou o outro do outro”. Com essa afirmação, Marcelo interpreta: “eu sou mulher e já sou outro, então já é difícil às pessoas me escutarem. Mas sou ainda negra, por isso, eu sou o outro do outro. Minha luta para poder ser escutada é dupla, pois sou mulher e negra”.

O convidado menciona que os homens também são expostos nas redes sociais, por exemplo, o jovem que foi exposto também recebeu apelidos de “pau pequeno”. Certamente isso lhe incomodou muito “mas até no jeito de manifestar e sua atitude logo após o ocorrido, que é tentar beijar a menina, reafirmar que para o homem costuma ser mais fácil ou mais facilmente aceito pela sociedade”.

É perguntado aos alunos se a solução que ela encontrou para resolver o problema é muito exagerada. Vê-se aqui uma nova manifestação de um aluno que reflete “ela foi

abalada psicologicamente, eu penso assim, quem se suicida não quer tirar a própria vida, ela quer tirar a dor que tem, não quer deixar as outras pessoas tristes, que ela tá sentindo que ninguém tá ajudando”. Uma aluna ainda emenda “nem os colegas dela estão julgando ela o tempo todo, mas eles são os responsáveis por isso também”.

Vier faz uma crítica em relação a como a escola reagiu a essa questão toda: “todos os alunos em fila entregando o celular e fazendo uma revista na bolsa, onde o cara dá um sorrisinho malicioso pra ela”, abordando aqui que a escola poderia, nesse contexto, ter evitado o suicídio se o segurança tivesse feito uma revista na bolsa de Tati, como fez com os demais alunos, e assim teria achado a arma que ela usou mais tarde para cometer o suicídio.

Nessa parte o convidado retoma o conceito da ferrugem “vocês viram como tem água no filme? E inclusive muita chuva”, a água como o principal fator que causa a ferrugem. Marcelo trouxe observações incríveis como, por exemplo, a cena em que a Tati pega a arma do pai escondida. Nessa cena estava chovendo muito. Também durante a conversa da mãe e do pai de Renet percebe-se um barulho irritante por que o para-brisa fica ligado devido a tanta chuva “parece um coração batendo”.

Na parte 1 do filme, a água tem como finalidade corroer a vida dos jovens e na parte 2 ela tem o objetivo de purificar. O convidado reflete sobre o pai de Renet como um adulto totalmente infantilizado, pois ele fica quieto a todo instante. “Notaram que, durante o trajeto em busca de Renet, enquanto os pais de Renet discutem, o vidro fica embaçado? Até o momento em que o pai decide mostrar para a mãe o caderno de Tati. Então começa a parar de chover e começa a clarear, ou seja, finalmente a verdade vai aparecer”.

A nossa colega acadêmica também se manifestou dizendo que uma das coisas que mais chamou a atenção e incomodou ela foi a falta de diálogo. Somos seres que utilizam a internet para se comunicar e já não sabem mais conversar pessoalmente. E se questiona “será que não tem alguém próximo de mim passando por uma situação dessas? E eu não poderia estar ajudando? E quantos não sofrem calados por serem expostos?”.

Outra colega notou que as amigas de Tati em vez de darem um abraço, só estavam pensando no trabalho de apresentação, e diziam pega-pega a mochila e vamos lá que vai passar. Vier percebe que aparecem muitas cenas no banheiro e questiona “o que fizemos no banheiro? Colocamos o pior para fora. Assim, o objetivo da cena é mostrar o que o ser

humano de pior tem. Pois toda a cena que algo ruim vai acontecer mostra ela no banheiro.” Para finalizar, o convidado afirma que o autor do filme deixa bem claro isso, pois antes de cometer o suicídio ela passa no banheiro e fica um tempo sozinha. Ela se mata na frente das câmeras, para as pessoas enxergarem que ela está querendo expressar sua dor.

Em seguida, fizemos o encerramento, agradecemos o convidado, agradecemos também a presença dos alunos e foi feita a seguinte pergunta para eles: “o que acharam dessa noite?”, um dos alunos respondeu: “diferente” ele não classificou como um diferente ruim ou bom, mas apenas diferente do que eles estavam acostumados a vivenciar. Ao sair os alunos receberam um bombom com uma mensagem em forma de agradecimento do grupo pela presença e um folder com informações do que fazer em caso de ocorrências de exposição nas redes sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste trabalho foi um grande desafio para o grupo. Primeiro, a responsabilidade de escolher um filme/documentário que tratasse de um tema interessante, mas que não estigmatiza-se o público. Um tema que dissesse algo para o público, não sobre o público. Segundo, o desafio de se colocar no outro lado, de abrir e estimular uma discussão. Terceiro, o de ter um trabalho prático, não apenas teórico. E como último, o de escrever sobre essa experiência.

Apesar de todos os desafios, os aprendizados foram enormes. Estamos satisfeitas com os resultados que alcançamos, com as nossas discussões enquanto grupo, com a participação dos alunos no debate e com o que aprendemos com a realização deste trabalho.

Depois de finalizar o debate e conversarmos entre nós do grupo, analisamos que a primeira parte do filme, que traz a história de Tati até a parte onde a mesma comete suicídio, deixou os alunos sintonizados, concentrados na história. Percebemos isso quando uma aluna da terceira fileira grita “ai meu Deus” quando Tati perde o celular. A partir desse momento, os alunos já começaram a adivinhar o que poderia vir a acontecer. Já a segunda parte do filme, onde entra a questão da culpa de Renet, o filme se torna mais lento. Isso acabou, ao nosso ver, fazendo com que os alunos ficassem mais distraídos e alguns

começaram a mexer no celular, muito provavelmente por causa do longo tempo em que já haviam prestado atenção e pela demanda de intervalo subsequente.

O grupo todo ficou surpreso e ao mesmo tempo contente, com as manifestações dos alunos. Estávamos receosas que nenhum deles falaria algo, por serem adolescentes e sermos desconhecidas naquele ambiente. Percebemos os olhos dos alunos vidrados no professor Marcelo enquanto ele lhes falava. Mas apesar da resistência, mais próximo do fim, depois de muitas provocações, perguntas e estímulos, eles participaram, fizeram algumas colocações bem pontuais. Uma delas nos chamou muito a atenção e nos deixou imensamente felizes, que foi a do aluno que nos disse que ele pensa que quem se suicida não quer tirar a própria vida, quer tirar a dor que tem dentro de si. Justamente por ser um pensamento bem trabalhado, maduro e de grande repercussão.

De forma nítida, percebemos que quando o professor convidado falava, todos paravam para ouvi-lo, a sua voz, a linguagem utilizada e as perfeitas colocações e conexões com o filme foram excelentes em conteúdo e também curiosas e inteligentes, deixando os alunos extremamente interessados, pois ele sabia como conduzir muito bem esse público, pelo fato de ter bastante facilidade com jovens. Marcelo fazia suas falas de forma simples de serem compreendidas, que pareceu fazer sentido para todos ali presentes. Evidentemente que chamou atenção dos alunos convidados, mas também dos nossos colegas de curso e de nós mesmas, organizadoras, que tivemos a certeza da assertiva escolha do convidado. Foi também muito positivo poder observar que durante o debate, a grande maioria estava prestando atenção nele, e não nos seus celulares.

De uma forma geral, ficamos imensamente felizes com a nossa intervenção. Poucas coisas não ocorreram conforme planejado, mas isso não quer dizer que seja algo negativo. Foi bom assim, exatamente como foi essa experiência. Dos colegas, recebemos alguns feedbacks, mais positivos sobre o tema do filme, as condutas e organizações, outros mais construtivos, como em relação a luz apagada e o tempo longo de filme que provocaram sono, e o som que juntamente com o barulho bem forte do ar condicionado dificultava o entendimento. Tudo fica de experiência e aprendizado para uma próxima vez.

Em suma, após termos finalizado tanto o planejamento quanto a execução deste projeto refletimos mais a fundo sobre os temas aqui abordados e para uma finalização do

mesmo as autoras utilizaram-se de tudo que foi vivenciado para escrever um poema de finalização que se segue:

### **Poema Coletivo Ferrugem**

Desconhecido  
Quem? Onde? Como?  
Filme: vagareza  
Ferrugem: choque!  
A pior turma.  
RESPira e vai  
Com RESPeito fomos acolhidas  
“Quem se suicida  
não quer se matar  
Mas sim, tirar a dor que  
SENTE”  
Até onde vai o limite do nosso desejo em compartilhar?  
Em estar presente, em ser visto?  
Será que me vejo no olhar do outro?  
Ou será que o olhar do outro prova que eu existo?  
Sou vivo, sou fantasma, talvez um zumbi que clica sem ler, que comenta sem olhar,  
que julga sem querer entender.  
Para alguns não há limites,  
Até mesmo porque não percebem as consequências.  
Consequências, responsabilidades, juntas em um pião.  
Porém,  
as consequências podem ser muito graves.  
A exposição, o sofrimento, a vergonha, a dor.  
A MORTE  
Sentimentos de quem é exposto.  
Sentimentos de quem expôs...

Pra quem comete o ato será que surge

a Culpa?

A CULPA

corrói, mata aos poucos...

também dói. É silenciosa...

Ferrugem,

a maresia vai enferrujando as coisas,

vai descascando-as,

tornando-as nuas em suas formas mais dolorosas.

Ferrugem,

de algo que vem crescendo,

se desgastando,

consumindo o ferro que contém em nós

Que não tratemos de propostas profundas com plasticidade,

que sejamos tocados verdadeiramente por esses questionamentos

sem a pretensão de resolvê-los ou defini-los.

Que sejamos mais francos com nós mesmos

ao olhar para uma história com paciência

e enxergar suas verdades.

Que tenhamos tempo para olhar para a vida.

Para não ficar no paradoxo: “Vocês me mataram, agora me vejam morrer...”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BALBINOT, G. **Culpa e vergonha-Recortes teóricos na Gestalt Terapia**. Instituto Gestalten, 2003. Disponível em: < <http://www.comunidadegestaltica.com.br/monografias/culpa-e-vergonha-recortes-teoricos-na-gestalt-terapia> > . Acesso em 31 de outubro de 2019.

CARVALHO, Marcela Melo de; ARRAES, Bruno. **Suicídio e pornografia de vingança**. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/58248/suicidio-e-pornografia-de-vinganca> > . Acesso em: 28 de setembro de 2019.



FELIX, Sihan. **Crítica | Ferrugem corrói até o osso da imaturidade**. Disponível em: < <https://canaltech.com.br/cinema/critica-ferrugem-121654/> > . Acesso em: 07 de setembro de 2019.

FLACH, Roberta Matassoli; DESLANDES, Suely Ferreira. **Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica**. Cad. Saúde Pública, 2017;33(7):e00138516.

ROLNIK, Suely. **Uma Insólita Viagem à Subjetividade**. Fronteiras com a Ética e a Cultura. In: LINS, Daniel (Org.). Cultura e Subjetividade: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997. P. 25-34. Disponível em: < <http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf> > Acesso em: 28 de setembro de 2019.

SANTOS, Mariana de Castro; RAMOS Ma. Ilka, ALVES, Maurício Martins. **Pornografia da Vingança**. Universidade do vale da Paraíba, 2018.

SCHMITT, Sabrine; IMBELLONI, Michelle. **Relações amorosas na sociedade contemporânea**: No site Psicologia pt o portal dos psicólogos, 2011.

SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehmann; BORCHARDT, Carlise Kolbe. **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira**. Revista Direito GV, São Paulo 7(2) | P. 445-468 | Jul-Dez 2011.